

## Matéria prima

Parte das imagens que motivaram este trabalho biográfico provêm da caixa de fotografias pessoais de Isaura Adriano. Momentos da juventude de Carlos Adriano e da sua vida social adulta, antes e depois do casamento de ambos, em 1971. A autoria de muitas delas não está determinada.

As marcas da deterioração química e do desgaste da manipulação e do tempo nas fotografias, são aqui reproduzidas conforme se encontraram, como se fossem camadas pictóricas que reforçam o carácter de cada uma.

Neste trabalho há também fotografias, gentilmente cedidas por amigos e familiares e, naturalmente, pelo arquivo da Câmara Municipal de Vila do Conde, onde foi depositado todo o espólio.



Carlos Adriano, 1910-1912.  
Fotografado por Joaquim Adriano.

# Adriano

Ensaio Fotobiográfico

Fotografias, video e texto:  
Cesário M. F. Alves

Contribuições:  
Albino Gomes  
Artur do Bonfim  
Fernando Azevedo

Agradecimentos especiais:  
Isaura Adriano

Conservação, Reprodução e Impressão  
fotográfica:

Sara Claro (A. M. V. C.)  
Marta Fonseca (A. M. V. C.)  
Joaquim Gomes (A. M. V. C.)

Patrocínio:  
Câmara Municipal de Vila do Conde

Apoio:  
Solar, Galeria de Arte Cinemática  
Serviços de Fotografia e Curso de  
Tecnologia da Comunicação Audiovisual  
do Instituto Politécnico do Porto

Solar de S. Roque  
Rua do Lidador  
Vila do Conde

HORÁRIOS GALERIA  
TERÇA-SEXTA  
14:30-18:00 (Sextas até 00:00)  
SÁBADO  
09:30-12:30/14:30-00:00  
DOMINGO  
09:30-12:30/14:30-18:00

solar@curtasmetragens.pt  
T 252 646 516  
www.curtasmetragens.pt/solar

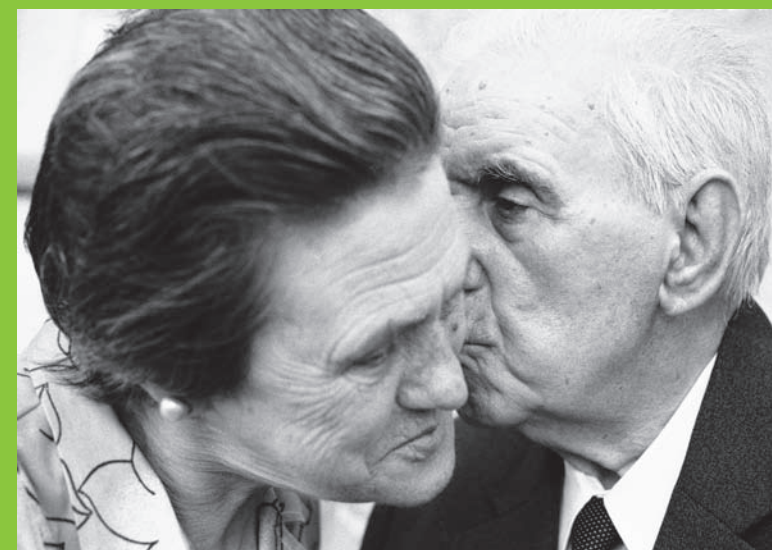
Organização



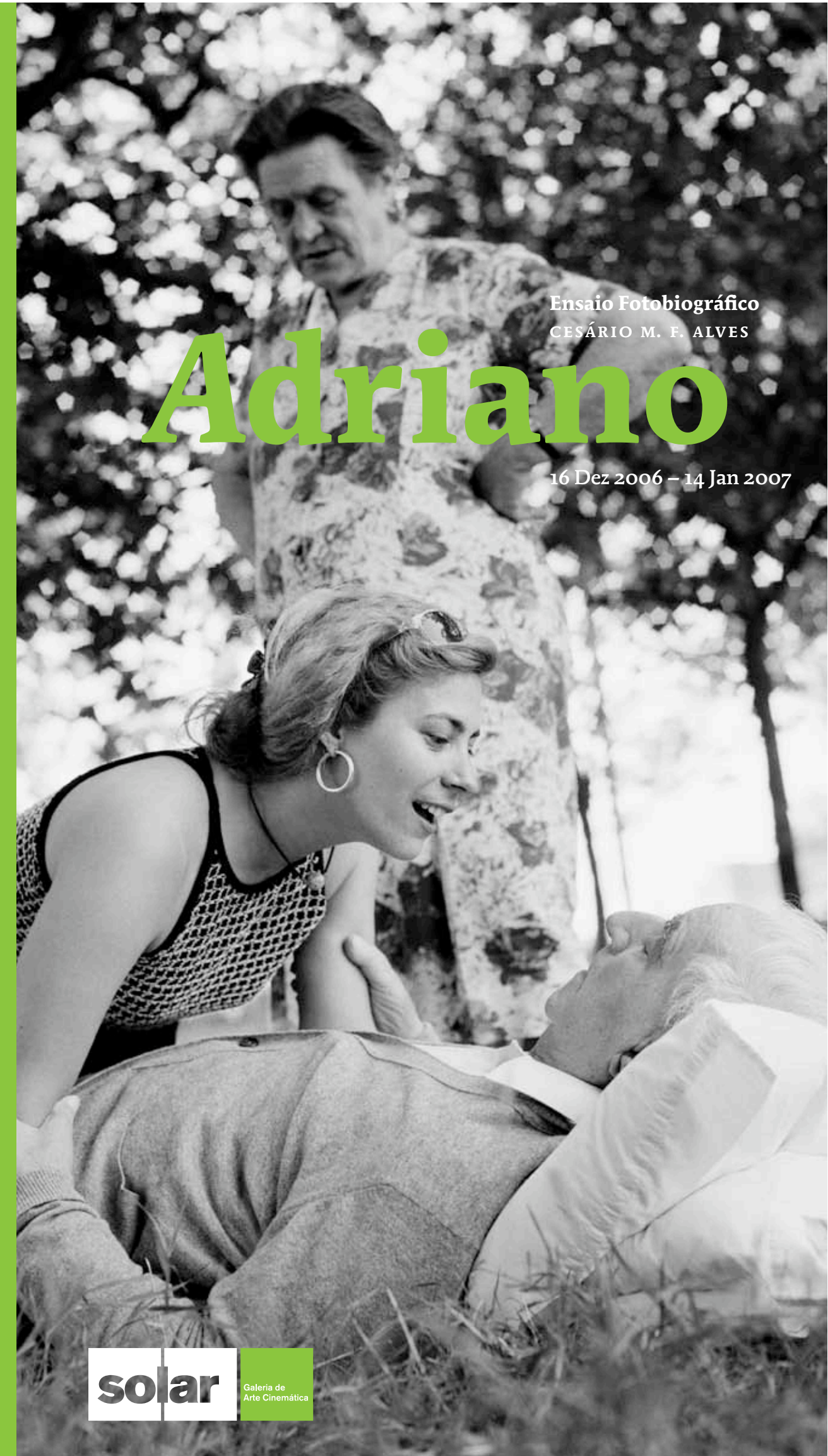
Alto Patrocínio



Apoio



- 1 - Quarto de Carlos e Isaura Adriano, no lar da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, 1998. Fotografado por Cesário M. F. Alves.
- 2 - Isaura e Carlos Adriano, 1997. Fotografado por Cesário M. F. Alves.
- 3 - Isaura, Carlos Adriano e Olinda Pires, 1998. Fotografado por Cesário M. F. Alves.



Ensaio Fotobiográfico  
CESÁRIO M. F. ALVES

# Adriano

16 Dez 2006 - 14 Jan 2007

solar

Galeria de  
Arte Cinemática



# Carlos Adriano

(17/12/1906 – 16/06/2000)



Aniversário de Carlos Adriano, 1996. Fotografado por Cesário M. F. Alves.

## Parte 1, 17/12/2006

O fotógrafo Carlos Adriano nasceu há 100 anos. As suas fotografias, bem como as de alguns dos seus familiares que enveredaram pela mesma profissão, formam uma boa parte da história de Vila do Conde, documentada em imagens do século XX.

Este ensaio é a contribuição de um fotógrafo para uma possível biografia, incidindo mais na escrita com imagens do que com palavras. Um fotógrafo que, no início da sua actividade, encontra outro, já na sua última década de vida, e que procura aqui descrever o espanto dessa experiência. Como tal, é necessário esclarecer que estamos perante um trabalho inacabado. Muitas são as histórias a desvendar sobre as fotografias de Carlos Adriano. Pode dizer-se que, em Vila do Conde, cada pessoa terá uma para contar e muitas outras se podem ler nas próprias fotografias.



Pessoa não identificada, s/d. Fotografado por Joaquim Adriano.



Pessoa não identificada, s/d. Atribuída a Carlos Adriano.



Carlos Adriano (à direita), com amigo Avelino Lima, fotografados na Estação Aquícola de Vila do Conde, s/d. Autoria desconhecida.



Carlos Adriano, s/d. Autoria desconhecida.



Carlos Adriano, s/d. Autoria desconhecida.

Carlos Adriano, filho do fotógrafo Joaquim Adriano, viveu a sua infância numa época em que a arte e o comércio da fotografia floresciam. No tempo de seu pai, surgiram as primeiras indústrias de equipamentos e consumíveis fotográficos e instalaram-se os primeiros estúdios comerciais, que sobreviviam, principalmente, do retrato. Numa entrevista a um jornal local, em 1991,<sup>1</sup> Carlos Adriano referiu que o seu pai pintava retratos a óleo, antes de ter frequentado, no Porto, conjuntamente com o seu primo João, um curso de fotografia. Terminada a formação, ambos se estabeleceram na Rua de S. Bento, abrindo aquela que seria a primeira casa de fotografia de Vila do Conde.

Mudaram-se, mais tarde, para a Rua da Misericórdia, onde o estabelecimento permaneceu até pouco antes do falecimento de Carlos Adriano, em 16 de Junho de 2000. A designação comercial desta casa foi-se alterando com o passar dos anos, ao sabor dos ventos políticos.<sup>2</sup>

Este percurso, da pintura para a fotografia, era natural. A 19 de Agosto de 1839, na Academia de Ciências francesa foi divulgada a descoberta do *Daguerreótipo* como sendo o primeiro processo viável e permanente de capturar imagens na câmara escura. Nos cinquenta anos que se seguiram a este anúncio público, as técnicas de registo fotográfico evoluíram e simplificaram-se. Muitos pintores se converteram aos novos processos de produção de imagens, por curiosidade ou por uma questão de sobrevivência. A fotografia depressa se apropriou do encargo de fazer os retratos, sendo a sua forma mais popular as *cartes de visite*. Os pintores trouxeram à fotografia o seu gosto e conhecimento da luz, perspectiva e composição. Desde então a pintura e a fotografia nunca mais deixaram de se contagiar.

Nas últimas décadas do século XIX, assistiu-se a um desenvolvimento da indústria fotográfica, directamente relacionado com a *comercialização alargada do retrato burguês*.<sup>3</sup> Ao longo do século XX, a fotografia democratizou o acesso e o gosto pelo retrato a todas as classes.

No legado da casa Adriano também se verifica esta predominância do retrato.



Foto Adriano em Famalicão, s/d. Atribuída a Pedro Adriano.

No seu depoimento ao *Informação Vilacondense*, em 1991, Carlos Adriano forneceu diversas pistas para a compreensão da relação da família Adriano com a arte, a técnica e o comércio da fotografia.

Constata-se, assim, que Joaquim Adriano (pai de Carlos) e João Adriano (seu tio) iniciaram a actividade comercial, provavelmente, na última década do século XIX. Depois do falecimento de seu pai, em 1926, Carlos manteve o estabelecimento, onde viriam a trabalhar também o seu irmão Pedro e, mais tarde, o seu sobrinho Eduardo.

Carlos Adriano foi o principal rosto e a imagem da casa de fotografia com o nome da sua família. Ao longo de mais de 60 anos, esteve presente em quase todos os eventos sociais e políticos significativos em Vila do Conde, onde conheceu e privou com os protagonistas da política, da arte e da ciência.

Em Agosto de 1928, foi publicado o primeiro número da “*Vila do Conde*”, revista mensal dedicada à literatura, história, arqueologia, arte e informação em geral, de que Carlos Adriano foi director e editor. Esta revista, ilustrada com fotografias da sua autoria, apresentava 9 páginas de conteúdo publicitário, incluindo a “*Fotografia Carlos Adriano*”. Como colaboradores tinha, entre outros, José Régio, João Canavarro, Cunha Araújo e Duarte Silva.

Carlos tinha então 22 anos, seu pai tinha falecido há dois anos e sua mãe, Emília, há cinco.

Existiram duas outras casas de fotografia com o nome da família Adriano. Uma em Luanda, Angola, propriedade de Fernando Adriano, filho de Pedro. A outra, de Pedro Adriano surgiu em Famalicão. Nos seus últimos tempos (anos ‘60), este estabelecimento funcio-



Primeiro número da revista Vila do Conde, Agosto de 1928



Fotografia Adriano em Vila do Conde, s/d. Atribuída a Carlos Adriano.

navava só no dia de feira semanal. Pedro fotografava e trazia as encomendas para trabalhar, em Vila do Conde.

Em 1993, a Câmara Municipal de Vila do Conde adquiriu o espólio da Fotografia Adriano. Quatro anos depois, ainda se encontraram imensos negativos, de diversos suportes e formatos, com a clara evidência de autoria de Pedro Adriano. Estes negativos, foram descobertos num canto escuro do sótão da casa da Rua da Misericórdia, impregnados de pó e variadas contaminações.

Na época decorria, em Vila do Conde, o Curso Profissional de Conservação e Restauro de Documentos Fotográficos, promovido pela Câmara Municipal e orientado por Vitória Mesquita e José Pessoa, do Instituto Português de Museus.

A Câmara contratou três técnicos, provenientes deste curso, que se dedicam até hoje a conter o avanço da degradação das espécies fotográficas que formam este precioso arquivo. Contudo falta uma intervenção mais profunda, falta estudar e falta, sobretudo, ver.

- In “Informação Vilacondense”, 14/03/91
- Carlos Adriano, no seu depoimento ao *Informação Vilacondense*, relata: (...) meu pai estabeleceu-se nesta casa da Rua da Misericórdia com a Fotografia Progresso, nome este que, julgo devido ao facto de ser simpatizante do então partido progressista. Mais tarde, a casa chamar-se-ia Fotografia da Casa Real, por alvará régio concedido pelo rei D. Carlos I. Depois com o advento da República, mudaria para Fotografia Popular e mais tarde para Foto Adriano, designação que se mantém até aos dias de hoje. (...)
- Como refere Pedro Miguel Frade, na introdução do livro *Fotografia e Sociedade*, de Gisèle Freund (edição: Vega).



Fotografia Adriano, 1993. Fotografado por Cesário M. F. Alves.



Pessoas não identificadas,1936. Atribuída a Carlos Adriano.

### Relato na primeira pessoa

Conheci Carlos Adriano e a sua mulher, Isaura, em 1993. O estabelecimento ainda estava aberto ao público. Não tenho a certeza de já lá ter estado, mas tenho a sensação que sim. No futuro, quando o imenso acervo adquirido pela Câmara Municipal ganhar a visibilidade que merece, talvez descubra um retrato meu nos álbuns que sobreviveram.

Desde então, visitei-os com alguma frequência e fotografei o espaço comercial da casa. Este incluía uma área de atendimento, que era partilhada com um espaço de trabalho virado para uma janela e um pátio a poente. Neste atelier efectuava-se o retoque de negativos a preto e branco, com lápis e uma infinidade de pequenas coisas.

O estúdio estava coberto com vidros e cortinas, filtrando a luz natural que entrava por cima e pelo lado norte. Como fundo fotográfico, era utilizada uma tela pintada à mão, esbatida e monocromática, que atribuiu uma fantasia subtil a muitos retratos.

No espólio da Fotografia Adriano existem negativos de diversos formatos executados neste estúdio, mas predominam os de 6x9cm, 9x12cm e 13x18cm. Muitas vezes, um negativo apresenta dois retratos, encontrando-se um, invertido verticalmente em relação ao anterior. Esta técnica de aproveitamento do negativo consiste em tapar metade da sua superfície, enquanto se expõe a outra. Nem sempre a outra fotografia era da mesma pessoa, revelando que, por vezes, não havia sequer uma exposição de segurança. A câmara de estúdio, de grandes dimensões, construída em madeira, com uma objectiva Voigtlander Braunschweig Apo–Lanthar f4.5/30cm, permitia fotografar com grande versatilidade, negativos do tamanho 4,5x6cm até próximo de 25x30cm.

Num depósito situado nas proximidades do estúdio, encontrava-se uma grande quantidade de embalagens de negativos e papel fotográfico, parte dos quais se encontrava em mau estado. Era um lugar húmido.

Naquelas caixas de cartão, havia centenas de negativos revelados, em suportes diversos, predominando o vidro e películas contemporâneas, mas também alguns nitratos e bi-acetatos de celulose. Algumas caixas continham datas, temas e outras anotações, escritas à mão.

Demorei-me a observar como, há muitas décadas, se desenhavam as embalagens de produtos fotográficos. Os pequenos detalhes de impressão, as gravações em relevo, as tintas e tipos de cartão, a tipografia utilizada, a evolução de imagens gráficas de determinadas marcas conhecidas de produtos fotográficos.

Abrir algumas destas caixas de surpresas e segurar negativos grandes, de vidro, contra alguma superfície clara para ver o que a transparência mostrava, reencontrar o tempo foi (é), para mim, irresistível.

Ainda no lado sul e a oeste do estúdio, estavam os laboratórios de negativos e de impressão, desarrumados, manchados de químicos fotográficos. Havia trabalhos inacabados por todo o lado. O laboratório de impressão tinha janelas com vidros de um vermelho denso inactínico, que permitiam aproveitar e filtrar a luz natural.

Todo o lado poente atrás do estúdio era um depósito desorganizado de negativos de vidro e impressões em papel, enroladas de tanto calor e luz. Toda esta área de trabalho tinha sido concebida para ser o espaço de secagem dos materiais acabados de processar, por isso tinha enormes janelas envidraçadas. Durante o seu período de trabalho mais activo (até ao final da década de ‘80) tudo deve ter funcionado bem.

Os amigos referem que Carlos concebeu a sua casa, contudo, nunca a conseguiu acabar. A habitação era no piso superior, enquanto que, no rés-do-chão, se situavam a loja, o atelier de retoque, o estúdio e os laboratórios. Os espaços eram amplos e funcionais, não obstante se encontrarem muito degradados, nos últimos anos de funcionamento.

Eduardo, sobrinho de Carlos Adriano, faleceu em 1987. Desde finais da década de ‘70 que Eduardo assegurava a resposta a muitas das solicitações comerciais. Carlos, que tinha então 81 anos, perdeu este apoio e, na família, mais ninguém enveredou por esta profissão.

Quando encontrei Carlos Adriano pela primeira vez, em meados dos anos ‘90, a sua saúde estava já muito debilitada. Falar representava um grande esforço, murmurava, comunicava com o olhar, com o sorriso, com uma frase aqui, outra ali. O acesso a uma certa intimidade da rotina dos seus últimos dias devo-o a Isaura Adriano, e ao amigo que temos em comum, Albino Gomes.



Fotografia Adriano, 1993. Fotografado por Cesário M. F. Alves